

Saídas profissionais – O que é ser sociólogo hoje?

Narrativas breves sobre experiências profissionais em construção (II)

Textos de Ana Isabel Teixeira, Cláudia Moreira, Cristiana Silva, Elvira Lopes, Susana Batista e Tiago Barbosa Ribeiro

Introdução por Natália Azevedo e Cristina Parente



IS Working Papers

2.ª Série, N.º 11

Porto, setembro de 2014

IS Working Papers

2.ª Série

Editora: Cristina Parente

Uma publicação seriada online do

Instituto de Sociologia

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Unidade de I&D da Fundação para a Ciência e a Tecnologia

Disponível em: http://isociologia.pt/publicacoes_workingpapers.aspx

ISSN: 1647-9424

IS Working Paper N.º 11

Título/Title

“Saídas Profissionais – O que é ser sociólogo hoje? Narrativas breves sobre experiências profissionais em construção (II)”

Autoras(es)/Authors

Cristina Parente

Ana Isabel Teixeira

Cristiana Silva

Susana Batista

Natália Azevedo

Cláudia Moreira

Elvira Lopes

Tiago Barbosa Ribeiro



As(Os) autoras(es), titulares dos direitos desta obra, publicam-na nos termos da licença *Creative Commons* “Atribuição – Uso Não Comercial – Partilha” nos Mesmos Termos 2.5 Portugal (cf. <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/2.5/pt/>).

Saídas Profissionais – O que é ser sociólogo hoje?

Narrativas breves sobre experiências profissionais em construção (II)

Saídas Profissionais – O que é ser sociólogo hoje? Narrativas breves sobre experiências profissionais em construção (II) constitui o nosso segundo *Working Paper* alusivo à reflexão sobre a problemática da incorporação e da utilização da formação académica graduada e pós-graduada em Sociologia no mercado laboral, num exercício de atividades diversas em contextos formais e informais de trabalho. Falamos de um atributo que nos parece não só necessário como inerente àquilo que define a relação entre a escola e os contextos socioprofissionais.

É com este pressuposto que prosseguimos com a publicação de um conjunto de textos que resultam de intervenções públicas tidas no âmbito da 2.^a edição de uma iniciativa anual organizada pela Comissão Científica da Licenciatura em Sociologia/FLUP, intitulada *Saídas Profissionais – O que é ser sociólogo hoje?*. É um evento aberto a todos os públicos, mas direcionado, com principal destaque, para os estudantes que frequentam o primeiro ciclo de estudos. As reflexões aqui apresentadas são escritas por licenciados e/ou mestres em Sociologia pela FLUP e que, à data do desafio lançado, exerciam papéis profissionais diversos, em áreas distintas, e orientados pela matriz teórico-metodológica da sociologia.

Prolongamos assim a partilha, por via de testemunhos na primeira pessoa, de experiências profissionais que, dentro das suas especificidades, traduzem uma relação entre saberes teóricos e metodológicos adquiridos em contexto universitário e saberes transpostos e construídos em contextos profissionais, em práticas de trabalho e de investigação fundamental e aplicada. Num outro sentido, procuramos dar corpo, operacionalizar ou pôr em prática o intercâmbio constante entre os saberes académicos (pautados pela aquisição crítica e refletida de conhecimentos, de saberes especializados e de práticas de investigação) e os saberes práticos, isto é, o desenvolvimento das competências necessárias à profissionalização crescente do sociólogo. Assumimos, de igual modo, que os papéis profissionais do sociólogo definem-se nos possíveis desenhados pela formação graduada e pós-graduada acerca do social. Somos multivalentes em termos de áreas, mas fundamentados numa matriz teórica e metodológica nuclear e adaptável de acordo com os contextos laborais, os profissionais com quem interagimos e os públicos que servimos.

Face às dificuldades estruturais que a inserção no mercado de trabalho coloca, faz sentido relevarmos, na contracorrente do ciclo, dimensões que atravessam, de modo subliminar, as narrativas, ainda que breves e em construção, destes sociólogos em ação: a transversalidade e a versatilidade da formação teórica e metodológica em sociologia; a capacidade de adaptação e a resposta imediata e rápida em contextos complexos; o rigor e a sistematicidade adquiridos com as práticas de investigação; a assunção das virtualidades da intuição social, da criatividade e da

imaginação na resolução dos problemas do quotidiano profissional; o vaivém permanente entre teoria e empiria; a resiliência tanto no dia-a-dia quanto ao desempenho de tarefas, próximas e distantes, da formação inicial em sociologia, como na construção paulatina de uma trajetória profissional que se configura nos meandros do social; ou a valorização das competências adquiridas pela prática constante da interação disciplinar com outros campos científicos e contextos profissionais.

Os textos aqui apresentados, num total de seis, dizem respeito às interlocuções das duas primeiras sessões que tiveram lugar em dezembro de 2013 na FLUP: 3 de dezembro com Cláudia Moreira, Gabinete de Eventos, Comunicação e Imagem da FLUP; Elvira Lopes, Socióloga em várias Organizações do Terceiro Setor; e Susana Batista, Coordenadora de Formação, EQS - Serviços de Engenharia, Qualidade e Segurança; Moderadora: Cristina Parente, IS e DS/FLUP; 6 de dezembro com Ana Teixeira, Coordenadora de Projetos na Oikos – Cooperação e Desenvolvimento| Portugal - Delegação Norte; Cristiana Silva, Assistente de Gestão de Projetos, Faculdade de Engenharia da UP; e Tiago Barbosa Ribeiro, Gestor, Grupo EFACEC; Moderadora: Ester Silva, IS e DS/FLUP.

São narrativas que enquadram experiências profissionais em construção, de feição diferenciada quer quanto às áreas de intervenção (inovação social, desenvolvimento local e social, terceiro setor, qualidade e gestão, formação profissional, marketing, investigação sociológica de dimensão empírica, pobreza e exclusão social, intervenção cultural e social), quer quanto aos contextos mais ou menos formais de exercício de funções profissionais (pequenas e médias empresas, organizações não governamentais e centros de investigação). São textos que abrem um painel de possibilidades, curiosidades e desafios sobre a relação entre os papéis profissionais do sociólogo, os contextos do seu exercício e os conhecimentos e competências adquiridos e em construção permanente.

Natália Azevedo

Cristina Parente

Departamento de Sociologia e Instituto de Sociologia

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Porto, setembro de 2014.

Uma socióloga e a sociologia... que se vão fazendo

Ana Isabel Teixeira

Licenciada em Sociologia

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Mestre em Sociologia do Desenvolvimento e da Transformação Social

Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra

Profissional na OIKOS – Cooperação e Desenvolvimento

E-mail: ana.ico.teixeira@gmail.com

Um dos primeiros textos que recorro dos tempos da licenciatura em sociologia é um (pequeno) livrinho da autoria de um (grande) sociólogo, António Firmino da Costa, *O que é a sociologia?*. Resisto, no momento em que escrevo, à tentação livresca de ir buscar à estante e resgatar o conjunto de citações que, seguramente, exprimiriam de forma exímia o que aqui pretendo dizer. Fico pela recordação, pela memória dessa leitura que retém o exercício de desconstrução sociológica das dificuldades associadas à formulação da resposta a uma questão aparentemente tão simples. Convoco aqui esse contributo, porque ele ainda hoje está presente no debate interno que seguramente todos já tivemos a propósito da nossa condição e definição identitária.

Mais do que responder à questão “*o que é a sociologia?*”, a pergunta que neste registo pode ser mais pertinente é como é que eu, enquanto licenciada em Sociologia, escolho definir-me no domínio profissional?

Não há como escapar a esta questão. Ela ocupa autoritariamente o mais inocente formulário que tenhamos que preencher (nome, morada, profissão?...). Ela surge necessariamente nos contactos sociais de primeira apanha (“então, tu o que é que fazes?...”). Ela insurge-se na intenção de resposta àquele anúncio de emprego, cuja descrição funcional nos parece dirigida, mas cujo rótulo ou contexto organizacional não nos parece incluir... Enfim, não há como escapar-lhe e eu confesso que oscilo entre uma resposta fundamentada na minha formação académica, atestada pelo certificado de licenciatura ou mestrado – socióloga – e a designação da minha atual função profissional – Coordenadora de Projetos. Infelizmente, nenhuma das duas encerra um significado dotado da desejada univocidade que me permitiria mais nada acrescentar. É quase sempre necessária uma explicação adicional, porque constato que quando respondo “sou socióloga”, existe uma tendência imediata para me associarem ao mundo científico e académico. Por sua vez, a resposta “sou coordenadora de projetos” tende a remeter o meu interlocutor para um universo significacional algo distante da sociologia. Ainda assim, reconheço que é hoje mais fácil responder a esta questão do que

há dez anos atrás, espero que daqui a vinte anos esta clarificação seja ainda mais evidente, podendo, um dia, deixar mesmo de ser uma questão. O processo de profissionalização e institucionalização da profissão complexifica-se e solidifica-se na diversidade de papéis e de mundos organizacionais onde a Sociologia se insinua e se afirma. Considero esta plasticidade, até de um ponto de vista instrumental, uma enorme vantagem e não uma limitação. O *outro* algo desconhecedor do que é efetivamente a Sociologia e daquilo que faz um sociólogo, tende a conceder um espaço, para o desempenho deste exercício profissional, raro e distintivo da maioria das práticas profissionais, pela sua maior amplitude. Ao sociólogo compete a negociação desse campo e a definição de eventuais limites e fronteiras funcionais. Este processo é, na maioria das vezes, orientado por questões de ordem muito pragmática (“interessa-me ou não desempenhar a atividade x, a tarefa y, ficar com o projeto z”) e constitui um contributo quotidiano para a construção da vocação socialmente reconhecida e legítima do que é e do que não é a Sociologia. Somos, portanto, coautores desta criação do que é “ser sociólogo” e com isso moldamos necessariamente também os contornos do que se define por “ser sociologia”.

Se a questão que me foi colocada é sobre o que eu faço, não deixa de ser curioso constatar que comecei esta reflexão por aquilo que sou (talvez porque nenhuma das duas dimensões respire isoladamente...)

O convite para participar na sessão *O que é ser sociólogo hoje?* coincide cronologicamente com uma década de percurso profissional pós-licenciatura, concluída em 2003. Este trajeto não foi “desenhado a régua e esquadro”, não foi resultado de um planeamento preciso, dirigido pelos conteúdos da resposta à pergunta (algo ociosa, mas curiosamente muito comum, em entrevistas de emprego) “onde é que pensa estar daqui a dez anos?”. Foi uma trajetória que se foi definindo pelas mais e menos felizes oportunidades e pela maior e menor (in)capacidade de as “agarrar”. É curioso perceber agora, à distância, como é que mesmo numa tão curta biografia profissional aquelas que me pareceram na altura decisões insignificantes se repercutiram de modo tão significativo naquilo que hoje poderei designar como os meus principais marcos profissionais.

O meu primeiro trabalho como “socióloga licenciada” foi como formadora do módulo de sociologia, num curso de profissional de marketing. Apenas quatro horas por semana que me permitiram confirmar e construir o enorme gosto pela formação profissional e pela docência, constituindo-se este como um dos meus pilares de exercício laboral.

Este percurso foi também marcado por colaborações diversas no domínio que me parecia o mais óbvio, enquanto saída profissional (e também vocacional) para um sociólogo: a investigação científica aplicada. Assim, para além do estudo individual desenvolvido no âmbito do curso de mestrado, *Quando o desemprego se escreve no feminino: estudo de caso em Vila Nova de Gaia*, acumularam-se participações, como investigadora, em projetos temáticos e metodologicamente diversificados: *Gestão de Vida versus Gestão de Carreira: estudo dos fatores implicados no processo de decisão perante propostas do IEFP* (Agência Piaget para o Desenvolvimento), *Dual Citizenship, Governance and Education: a Challenge to the European Nation-State* (Faculdade de Economia da Universidade do Porto), *Perfis Profissionais para Portadores de Deficiência Auditiva* (Centro de Integração Profissional para Surdos – Porto) e *A Deficiência Visual na Era das Novas Tecnologias da Informação: Desafios e Prospectivas* (Faculdade de Letras da Universidade do Porto). Omito aqui o detalhe das participações como “tarefeira”, por exemplo, na aplicação de inquéritos por questionário, tratamento estatístico de dados, na transcrição e análise de entrevistas, mas estes

trabalhos (muitas vezes ditados, no momento, exclusivamente por motivações pecuniárias) constituíram-se num valioso acervo de conhecimento posteriormente acionado na definição de estratégias metodológicas e mesmo na concepção de instrumentos de recolha de dados.

Na escola profissional que acolheu os meus primeiros passos como profissional de Sociologia, conheci quem me desafiou a sair da minha zona de maior conforto – a investigação de feição mais académica – e pular para o seio do trabalho numa organização do terceiro setor. Nesse desafio, em linhas muito gerais, coube-me a Coordenação e Gestão da Formação Profissional e a concepção e implementação de metodologias, instrumentos e ações de acompanhamento aos processos de reinserção socioeducativa e/ou laboral de populações vulneráveis (consumidores de drogas, trabalhadores sexuais, reclusos, etc.), assumindo-se aqui um quarto pilar de trabalho orientado para a Intervenção Social e o Desenvolvimento Comunitário.

Ao longo destes dez anos, a negociação identitária do que é ser socióloga foi-se operando em contextos organizativos distintos e perante os diversos atores desses microuniversos (chefes, colegas, clientes, financiadores, etc.). As diferentes expectativas que recaem sobre a “socióloga de serviço” constituem uma informação fundamental para a definição de um papel que poderá oscilar, numa linha de *continuum*, entre o polo do “*ela não serve para nada*” até ao “*ela serve para tudo*”. A versatilidade e a transversalidade da formação académica em Sociologia permitem um desempenho mais próximo do segundo polo, ainda que daqui, muitas vezes, decorra o angustiante paradoxo de nos encontrarmos na posse de um imponente e complexo edifício de conhecimento e, em contexto real de trabalho, não encontrarmos uma “assoalhada já mobilada” e pronta a servir os propósitos mais concretos e utilitário que a nossa função profissional nos solicita. Não vamos recuperar aqui o inesgotável debate sobre o conturbado “matrimónio” entre o sistema educativo e o sistema produtivo (quem deve estar ao serviço de quem?), mas apenas partilhar a experiência positiva que decorre de uma formação vasta, diversificada, que nos apetrecha com os instrumentos necessários para vertermos em operacionalidade esse saber, ressaltando, que o fazer constitui sempre um percurso de aprendizagem, dotado de uma autonomia relativa, que não se inicia num ponto zero, mas que progride necessariamente com a experiência em cada novo território funcional e organizativo que se desbrava. Perante uma nova situação, um novo problema, um novo desafio, mais importante do que ter uma resposta pronta é saber como a procurar, como a construir e para isso a matriz teórico-metodológica proporcionada pela formação em sociologia tem constituído um dos meus melhores aliados.

Atualmente, como coordenadora de projetos numa organização não-governamental para o desenvolvimento portuguesa, encontro-me vinculada à área de missão da educação para a cidadania, nos domínios temáticos da promoção da igualdade de género e da prevenção e combate ao tráfico de seres humanos e à exploração laboral. Esta função exigiu-me um esforço de especialização temática e, sobretudo, permitiu-me expandir de forma integrada o domínio de competências associado à gestão de projetos em todas as suas fases: candidatura, implementação, monitorização da execução física e financeira e avaliação. A responsabilidade sequencial por cada uma dessas fases e a necessária resposta que este tipo de projetos tem que apresentar a entidades financiadoras remete-nos de forma muito clara para o indispensável processo de negociação entre os termos de formulação de um problema social e de um problema sociológico. Retomo aqui as concepções da sociologia, oriundas do reduto académico e científico e as que emanam de um largo espectro de práticas profissionais, para sublinhar a centralidade da ponte que é indispensável

construir para transitar entre essas duas margens e transportar os elementos que de uma e de outra tanto carecemos para a edificação social de uma prática sociológica.

O fascínio da sociologia reside no desafiante convite de por em relação, de imaginar a articulação complexa e nem sempre evidente entre diferentes esferas sociais, problemáticas e atores. Este apelo formulado em termos tão amplos dificilmente se traduz num saber eficaz e eficientemente operativo, mas constitui a alavanca operatória da reflexividade que deve enformar a toda a prática de natureza sociológica. O escudo do exercício de uma função que se diz meramente técnica e instrumental não poderá bastar para nos abstermos de pensar o resto do mundo e de questionarmos o nosso lugar e o nosso papel nessa imensa engrenagem. Se, na feliz expressão de Bourdieu, a sociologia é um desporto de combate, a reflexividade sociológica constitui o ringue de treino por excelência do exercício de perspectiva e de (des)construção crítica que nos é proposto desde o primeiro ano do curso. A sociologia que fazemos hoje é, assim, indissociável do que aprendemos ontem e determinante para o horizonte de possíveis de amanhã.

Sociologia: uma forma de estar?!

Cláudia Moreira

Licenciada em Sociologia

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Profissional na Faculdade de Letras da Universidade do Porto

E-mail: mmoreira@letras.up.pt

Hoje, que me debruço sobre esta questão, percebo que as razões que me motivaram a escolher esta licenciatura se distanciam do percurso profissional que segui.

A sociologia surgiu como opção de estudo derivada do gosto sempre existente pelo lado humano e social. Estando no agrupamento socioeconómico (percurso escolhido do 10.º ao 12.º ano), onde o plano de estudos aprofundava o conhecimento sobre relações humanas, o desenvolvimento das sociedades e os problemas sociais e económicos vividos ao longo dos tempos, tal fez surgir em mim o fascínio e a vontade de conhecer mais. Isto, aliado à ideia limitada e idealista de que a profissão de sociólogo me permitiria trabalhar em prol dos mais desfavorecidos, tornaram o curso de sociologia o caminho a seguir¹.

O contacto com o curso foi uma descoberta, pela sua diversidade e abrangência. No período em que tirei a licenciatura em sociologia, o plano curricular possuía uma estrutura tripartida: 1.º ano, conceitos/princípios gerais; 2.º ano, metodologias; 3.º e 4.º anos, campos de saber/atuação da sociologia. Posso afirmar que o meu gosto pela sociologia foi crescente, culminando com o 4.º ano, o mais direccionado para a vertente organizacional e de comunicação.

Aqui, percebi que o meu percurso profissional teria um rumo diferente do definido aquando da minha entrada. O curso possibilitou conhecer não só a abrangência de ação que um sociólogo pode ter, como permitiu conhecer melhor o meu “eu”, fazendo-me ver que a minha atuação no campo social, no apoio e no trabalho com grupos de risco, iria ter pouco de profissional e muito de emotivo. Assim despertei outros gostos e interesses que direccionaram a minha ação para o mundo empresarial.

¹ Descrevo a minha ideia de limitada e idealista porque considerava, por um lado, que o sociólogo apenas trabalhava a vertente da ação social, desconhecendo a diversidade de áreas em que este pode exercer um papel predominante, e, por outro lado, porque ainda sonhava ser capaz de mudar algo.

Desta forma, optei, no 5.º ano, por desenvolver a minha tese de seminário na área de investigação “Mudança social, trabalho e emprego”, com o enfoque sobre o papel da formação profissional no interior de uma empresa.

A licenciatura em sociologia, para além de me fazer crescer e de dar a conhecer uma nova visão da sociedade em que vivemos, teve a capacidade de desenvolver e trabalhar dois grupos de competências que considero essenciais e de forte aplicabilidade no desempenho de qualquer profissão, não só a de sociólogo: designo-as por *práticas* e *teórico-concetuais*. De facto, se analisarmos as ferramentas que nos ensinam durante a licenciatura por si mesmas (saber construir instrumentos de análise – inquéritos, entrevistas; saber analisar, utilizando os meios existentes para esse efeito, etc.), destituídas das competências de foro abstrato que envolvem o saber estar, o saber comunicar, o saber ver para além de... então facilmente concluímos que o resultado será o surgimento de um profissional incompleto em qualquer das áreas que atue.

Concretizando, na minha ótica, a disciplina de metodologia e técnicas de investigação integra de uma forma muito clara estas duas vertentes, surgindo como uma disciplina estruturante na licenciatura em sociologia, de onde retirei muito saber que aplico na minha profissão atual. Claro que se me perguntarem as etapas definidas pelo Quivy num processo de investigação social, ou se me pedirem que enumere as regras para a construção de um inquérito, eu provavelmente já não as saberei enunciar; mas sempre que me solicitam na minha profissão atual a construção de inquéritos para avaliação de algo, ou me pedem para analisar algum tipo de informação, está inerente em mim a aplicabilidade dessas regras e conceitos. Esta vertente mais prática, aliada à importância que sempre me incutiram de planificar, organizar, saber estruturar o pensamento, saber procurar e analisar a informação, o não dispersar, ser objetiva tornaram-se competências intrínsecas na minha atuação profissional e coloco-as em prática todos os dias.

Outra disciplina que me fez crescer e desenvolver competências relacionais e aferir da importância das mesmas (saber lidar com *stress*, dificuldades) foi o seminário do 5.º ano, no qual desenvolvi o meu projeto de investigação. Conforme já mencionei, optei pela área de investigação “Mudança social, trabalho e emprego”, com o enfoque no conceito de formação profissional. Sucintamente, neste projeto propus analisar o modelo de formação profissional que estava a ser implementado na empresa em estudo e apresentar as vantagens e desvantagens do mesmo no e para o crescimento da empresa. Inicialmente, enquanto a minha área de atuação se limitava a observar o que a empresa queria expor, o trabalho desenvolveu-se sem dificuldades. Todavia, no momento em que quis explorar algumas questões e solicitei autorização para realizar inquéritos e entrevistas de forma a perceber um pouco mais quais os impactos que o novo modelo de formação estava a produzir no grupo de profissionais em estudo (chefias e comerciais), vi surgirem barreiras que colocaram em risco o término da minha investigação. Nesta fase, foi o apoio imprescindível de alguns professores, que no momento certo me lembraram e mostraram a forma de colocar em prática as competências que muitas vezes falamos em sala de aula – o saber estar, o saber falar –, que me permitiu ultrapassar o problema e completar a tese com sucesso.

Assim, estas foram as competências centrais que a licenciatura em sociologia me forneceu e que todos os dias coloco em prática na profissão que desempenho. À data desta intervenção, sou funcionária do Gabinete de Eventos, Comunicação e Imagem (GECI) da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP) e, apesar das variantes que surgem todos os dias, as duas funções centrais que desempenho são: organização de eventos científicos e protocolares da instituição e

divulgação das licenciaturas da FLUP nas escolas secundárias com vista à inserção de novos alunos, promovendo desta forma a imagem institucional da Faculdade. Oferecendo a FLUP 13 cursos de 1.º Ciclo (licenciatura), 30 de 2.º Ciclo (mestrado), 16 de 3.º Ciclo (doutoramento) e uma diversidade de cursos de formação contínua e de cursos livres, onde se salientam os cursos de Línguas, facilmente se conclui da existência de uma forte dinâmica de trabalho. Diariamente professores e funcionários trabalham em prol de um ensino de qualidade onde a realização de eventos científicos surge como uma forma de demonstrar o que melhor se faz em determinada área, bem como permitir o cruzamento e a circulação de saberes no e com o exterior do mundo académico. Muitos destes eventos centram parcial ou totalmente a organização logística no GECl, pelo que é necessário ter uma forte competência organizacional de tarefas, de gestão de tempo, para gerir as necessidades, as especificidades, que cada evento exige. Todos os dias lido com diferentes tipos de pessoas, de diferentes *status*, que me obrigam a saber gerir a minha forma de estar, de falar, de receber.

Claro que, paralelamente, tive e tenho necessidade de desenvolver e/ou atualizar outras competências e áreas de saber. Assim, se, por um lado, a realização de ações de formação profissional foram e são fundamentais, onde destaco a Formação Inicial de Formadores, que me permitiu aperfeiçoar a minha postura e forma de comunicar com aplicação direta sempre que necessito de realizar sessões de esclarecimento sobre a oferta formativa da FLUP para estudantes do ensino secundário, e duas ações de formação sobre Organização de Eventos Científicos e Protocolares (inicial e avançado), que me elucidaram sobre vários pormenores, nomeadamente na área do protocolo, que fazem a diferença para o sucesso de uma atividade; por outro, também a manutenção de uma postura pró-ativa de autoformação é fundamental para nos mantermos atualizados. A necessidade que senti e o trabalho que desenvolvi para atualizar o meu conhecimento sobre a “nova” oferta formativa da FLUP com a entrada do Processo de Bolonha são um exemplo disso. O surgimento de novos cursos e a reestruturação dos antigos despertou em mim a necessidade de proceder a uma autoformação, pesquisando informação, falando com professores da área para reunir conhecimento suficiente para responder às dúvidas dos estudantes do Ensino Secundário. Outro exemplo foi a resposta encontrada pelo Gabinete para minimizar as restrições económicas que muitos eventos possuíam na produção de imagem para divulgação. Apesar dos fracos conhecimentos técnicos e das poucas ferramentas ao dispor, acabei por acrescentar uma nova tarefa à minha profissão – criação de cartazes e *flyers* – na tentativa de solucionar um problema e minimizar os custos para a instituição.

Cliché ou não, a licenciatura em sociologia trouxe-me mais do que uma profissão, trouxe-me uma forma de estar. Transmitiu-me conceitos e princípios que aplico diariamente em várias esferas da minha vida.

Este meu testemunho não passa disso mesmo, de um exemplo, de uma história de vida em crescimento. Com ele pretendi apenas partilhar o meu sentimento de paixão pela sociologia, paixão que acredito ser essencial para o alcance de qualquer tipo de sucesso.

Nos tempos de hoje, em que nos deparamos com um mercado de trabalho exigente, saturado e em constante mutação, onde se luta para entrar ou manter-se nele, é essencial que cada um de nós seja capaz de se adaptar e de se reinventar. A sociologia tem essa capacidade intrínseca em si. Devemos ser capazes de construir planos, sem nunca deixarmos de viver o dia-a-dia, e sempre atentos às oportunidades que vão surgindo no nosso caminho.

O que é ser sociólogo hoje? Reflexões sobre a trajetória profissional

Cristiana Silva

Licenciada e Mestre em Sociologia

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Profissional na Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto

E-mail: cristiana.i.m.silva@gmail.com

Em 2006, tive que tomar uma das decisões mais importantes da minha vida – escolher um curso superior. Chegara o momento de decidir o que queria ser quando fosse grande! Tinha uma grande variedade de opções, difícil era escolher...

Após analisar o plano de estudos do curso de sociologia na Universidade do Porto (UP), confesso que o que mais me atraiu foi a diversidade de contextos de trabalho e papéis profissionais que poderia vir a desempenhar. Potenciar a empregabilidade era já uma preocupação naqueles tempos...

Ingressei na licenciatura em sociologia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP) em 2006. Em 2009, findo o 1.º ciclo, tive a minha primeira experiência profissional, proporcionada pelo PEJENE – Programa de Estágios de Jovens Estudantes do Ensino Superior nas Empresas, promovido pela Fundação da Juventude. Estaguei na companhia de seguros Real Seguros, SA durante 3 meses (lá se foram as “férias grandes”). Enquanto estagiária no departamento de logística e aprovisionamento, desempenhei funções de preparação de compras; receção e conferência de encomendas; controlo, assistência e manutenção do parque de viaturas; entrega, renovação e apoio ao uso e avarias de telemóveis.

Este primeiro contacto com o mercado de trabalho, apesar das funções não estarem intrinsecamente articuladas com a minha área de formação, foi fundamental para conhecer o ambiente real de trabalho e desenvolver competências práticas. Esta primeira experiência profissional permitiu enriquecer as minhas competências... e o meu *curriculum vitae*.

Após esta breve experiência profissional, regressei ao meio académico para frequentar o mestrado em sociologia. Apesar do curso não estar estruturado como mestrado integrado, com as alterações que resultaram da aplicação do Processo de Bolonha senti que precisava de prosseguir para o 2.º ciclo de estudos, de forma a completar o conjunto de saberes teóricos e metodológicos que o meio académico proporciona e o meio profissional procura.

No início de 2010, surgiu uma oportunidade na área da investigação científica, promovida pelo Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (ISFLUP) – aplicar inquéritos

por questionário em entrevistas presenciais a portadores do VIH, no âmbito da investigação *Diagnóstico da infeção VIH: representações e efeitos nas condições laborais*. Tive que conciliar aulas com deslocações a hospitais do Grande Porto; aprender a demonstrar a importância da recolha dos dados em questão, para que o contexto hospitalar aceitasse cooperar e colaborar, e para que os inquiridos aceitassem participar e partilhar as suas vivências; adaptar a minha forma de inquirir à personalidade do inquirido, aos objetivos do estudo, ao tempo disponível... Foi, sem dúvida, uma experiência que potenciou as minhas competências práticas na aplicação de técnicas de investigação científica.

Ainda em 2010, tive o primeiro contacto profissional com a área de ação/intervenção social. Por força de uma licença de maternidade, integrei a equipa de Rendimento Social de Inserção (RSI) da Cooperativa de Solidariedade Social Sol Maior, que acompanha indivíduos/agregados familiares beneficiários do RSI. Durante quatro meses estive envolvida em ações que visavam melhorar a qualidade de vida dos beneficiários de RSI, por via da aquisição de competências, promotoras da autonomização e capacitação social.

A equipa de acompanhamento de beneficiários de RSI da Cooperativa Sol Maior era composta por uma assistente social, uma psicóloga, uma socióloga e duas auxiliares de ação direta. Sinteticamente, à equipa competia traçar o diagnóstico dos problemas e carências a vários níveis – económico, social, psicológico, educativo... – e avaliar as potencialidades e debilidades dos elementos do agregado familiar, por forma a planear os projetos de intervenção e (re)inclusão social, ajustando-os a cada caso. Competia-nos agir de forma concertada, procurando definir ações a promover junto/com os beneficiários, nas mais diversas dimensões – saúde, educação, formação, família, economia doméstica...

Dado o elevado número de processos, tornava-se difícil prestar o acompanhamento e orientação necessários. Este é, aliás, um sentimento partilhado por muitos dos que trabalham na área de ação/intervenção social. Contudo, reconheço a enorme força de vontade dos técnicos que, apesar das adversidades, procuram diariamente promover a melhoria da qualidade de vida das famílias que acompanham.

Por sua vez, o combate ao estigma associado a esta prestação social era quase diário. Nalguns momentos, tornava-se cansativo tentar desconstruir as representações sociais mais depreciativas face aos beneficiários do RSI. Penso que só mesmo o contacto direto com os beneficiários é que poderia desmistificar o estigma.

Aproveitando o facto de conhecer as potencialidades e fragilidades das famílias beneficiárias do RSI que a Cooperativa Sol Maior acompanhava, considerámos pertinente realizar o meu estágio curricular nesta instituição. Numa lógica de investigação para a ação, o conhecimento procedente da pesquisa que estava a realizar no âmbito do Mestrado em Sociologia foi aplicado a favor da promoção de processos de capacitação e inclusão social.

A opção pela realização de estágio curricular deveu-se, principalmente, à oportunidade de articular a produção de conhecimento científico à aplicação desse mesmo conhecimento, por via da aproximação ao terreno, a favor da capacitação da comunidade local, bem como à oportunidade de experienciar o desempenho de uma atividade profissional, sustentada em competências e conhecimentos teórico-metodológicos, adquiridos no contexto académico.

Após o diagnóstico de áreas de intervenção estratégicas, planeámos e desenvolvemos atividades que procuravam responder às carências diagnosticadas. Criámos um serviço de apoio ao empreendedorismo e ao microcrédito, que visava promover o empreendedorismo como estratégia de inclusão social de públicos desempregados e/ou a vivenciar processos de desfavorecimento e fragilização social. Participámos em *workshops*, com o intuito de incrementar conhecimentos sobre a temática. Realizámos contactos e reuniões com profissionais ligados ao empreendedorismo e ao microcrédito, de forma a potenciar sinergias. Estabelecemos relações de parceria com serviços locais que trabalhavam diretamente com o nosso público-alvo. Organizámos um ciclo de sessões de trabalho (in)formativas sobre a temática, procurando promover o desenvolvimento de competências empreendedoras em públicos desfavorecidos, de forma a incrementar a sua capacidade empreendedora e dotá-los de instrumentos promotores da sua inclusão social.

Com estas atividades, pretendeu-se potenciar a capacitação social do público envolvido, por via do apoio e da promoção de projetos de inclusão social que passassem pela iniciativa económica. Foi, sem dúvida, nesta experiência que eu mais articulei os conhecimentos académicos e competências de investigação adquiridos sobre metodologias de investigação e intervenção, com as atividades profissionais realizadas.

Concluído o mestrado, surge a oportunidade de desenvolver funções numa nova área profissional – gestão de projetos de investigação e desenvolvimento (I&D). Durante sensivelmente um ano, trabalhei no centro de investigação Instituto de Telecomunicações – Porto, como bolsista de gestão de ciência e tecnologia. As minhas principais funções consistiam em prestar apoio administrativo, logístico e financeiro à gestão de projetos de I&D, com base nos procedimentos legais da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) e legislação europeia; organizar deslocações, eventos, processos de reembolso de despesas e aquisição de equipamentos; preparar contratos de bolsistas de investigação. Tive ainda a oportunidade de prestar apoio administrativo à equipa executiva e aos estudantes de doutoramento do Programa Carnegie Mellon Portugal, uma plataforma de educação, investigação e inovação que integra universidades, instituições de investigação e empresas portuguesas em cooperação com a *Carnegie Mellon University* (CMU).

No início de 2013, tive a oportunidade de integrar a equipa de gestão do Projeto Europeu *Future Cities*, um projeto de capacitação (FP7) financiado pela Comissão Europeia e gerido pela Universidade do Porto, que visa tornar a cidade do Porto num laboratório vivo à escala urbana, dotando a cidade de um vasto conjunto de equipamentos de sensorização e comunicação, utilizando tecnologias avançadas, com o intuito de promover a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos. As tarefas que desempenho, à data desta comunicação, mantêm-se ligadas à gestão administrativa e financeira deste projeto em concreto, com base na legislação europeia.

Para o desempenho das tarefas de gestão de projetos de I&D que venho desenvolvendo ao longo dos últimos dois anos e meio, os conhecimentos e competências adquiridas na formação em Sociologia aos quais mais recorro são os de Estatística.

Por último, gostaria de agradecer à direção da licenciatura em sociologia por me ter incitado a refletir sobre o meu (ainda curto) percurso profissional, por via desta narrativa em discurso direto. Esta reflexão faz-me constatar que o principal motivo que me levou a escolher sociologia – a diversidade de contextos de trabalho e papéis profissionais – se veio a verificar no meu caso e no de outros licenciados e mestres em sociologia.

Profissão: socióloga!

Elvira Lopes

Licenciado em Sociologia

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Profissional em Organizações do Terceiro Setor

E-mail: consultoria.soc@gmail.com

Lançado que foi o desafio de apresentar o meu percurso profissional enquanto socióloga, maior o foi ao produzir este texto, onde procurei apresentar as minhas variadas experiências profissionais, que se traduzem numa pluralidade de lugares onde um/a sociólogo/a pode intervir, mas acima de tudo na versatilidade e adaptabilidade que a licenciatura em sociologia me proporcionou.

Porquê a sociologia? Pela imensa vontade de compreender as pessoas, a sociedade e as organizações que a compõem e as suas relações.

Terminei a licenciatura em sociologia em 2005 na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP) e já durante o meu percurso académico tive experiências pré-profissionais que me permitiram ir tendo alguma aproximação ao mercado de trabalho.

Sempre importante em qualquer área profissional, esta aproximação ao mercado de trabalho deu-se através de algumas tarefas de secretariado em conferências e colóquios, na organização e participação ativa em eventos, dos quais destaco as *Noites de Sociologia*, e como tarefeira (aplicação de inquéritos; inserção de dados; transcrição de entrevistas) em alguns projetos de investigação com temáticas variadas.

Estas experiências permitiram ir desenvolvendo e aplicando as competências relacionadas com as metodologias de investigação, assim como a capacidade de argumentação, análise e reflexão crítica.

No último ano da licenciatura, surge a escolha do tema de Seminário de final de curso. Optei pelo tema da “Cultura”, mas foi a possibilidade de ingressar num estágio académico que traçou o “meu caminho”. Ingressei no GIVA (Gabinete de Inserção na Vida Ativa) como estagiária de investigação, onde desenvolvi o Observatório do Emprego dos diplomados pela Faculdade de Ciências da Nutrição e Alimentação da Universidade do Porto. Fiz uma tese com dois temas: mais do que escolher, fui “escolhida” e daí resultou uma especialização híbrida em “Cultura e Mercado de Trabalho”. Rapidamente “deixei a cultura de lado” e percebi que seria aquela área – sociologia do trabalho – que queria seguir.

Creio que esta primeira experiência foi fulcral para as oportunidades de trabalho que se seguiram. Esta aproximação ao mercado de trabalho, o estar integrada numa organização e desenvolver todo um trabalho de investigação com o bónus da aplicabilidade prática de todos os conhecimentos teóricos e metodológicos da licenciatura, a par com o desenvolvimento da capacidade analítica, de competências de organização, operatórias e relacionais, demonstraram-se fundamentais para a entrada no mercado de trabalho como socióloga.

Desde aí, já se passou quase uma década a desempenhar funções como socióloga em vários contextos profissionais. Mais do que descrever uma experiência profissional, irei abordar a minha trajetória pelas diferentes áreas de intervenção, procurando conjugar as aprendizagens ao longo da licenciatura com a sua aplicabilidade no mercado de trabalho.

O meu percurso de linear tem muito pouco, quase sempre conjuguei mais do que uma área de atividade, mas no seu cômputo resulta em três áreas: investigação; formação; e intervenção social/consultoria social.

Grande parte da minha experiência profissional foi em projetos de investigação em variadas entidades, entre públicas e privadas, desde universidades, centros de investigação, empresas de consultoria, associações, entidades sociais e em organizações não-governamentais.

A temática destas investigações andou sempre em torno do emprego e formação, mercado de trabalho e empreendedorismo.

No desempenho destas tarefas é sempre importante ter presente a matriz teórica que nos foi transmitida ao longo da Licenciatura e são transversais as competências metodológicas de pesquisa que estão subjacentes a qualquer projeto de investigação, aprendidas tanto a nível de métodos quantitativos como qualitativos. Para desempenhar estas tarefas foi fundamental a formação complementar (SPSS, NUDIST) que frequentei ainda durante o meu percurso académico. A par destas competências mais técnicas, aliam-se a capacidade analítica, o raciocínio crítico, a capacidade organizativa e o trabalho em equipa.

Durante estas experiências profissionais, o tema que abordei que menos se identificava com as temáticas trabalhadas até então, foi num projeto de investigação intitulado “Causas humanas de ignição dos incêndios florestais”. Uma investigação muito mais antropológica, mas que de “esforço acrescido” apenas se verificou em termos de enquadramento teórico relativo a essa problemática (capacidade já desenvolvida de pesquisa bibliográfica e leituras). A nível metodológico, permitiu a aplicação de técnicas e instrumentos novos, mas que a formação de base e as experiências profissionais me permitiram fazê-lo.

Outra vertente no exercício profissional como socióloga surge enquanto formadora.

A área da formação profissional tem um leque de temáticas que se coadunam com a formação em sociologia, que podem ir desde o mercado de trabalho, à empregabilidade, ao empreendedorismo, à cidadania e à igualdade de género. Estas são as principais temáticas que fui ministrando ao longo do meu percurso enquanto formadora, de entre muitas mais possíveis, onde apliquei alguns dos conhecimentos teóricos transmitidos ao longo da licenciatura, mas acima de tudo onde desenvolvi as competências de organização, planificação e análise crítica. Para o desenvolvimento desta função, é necessário o CCP – Certificado de Competências Pedagógicas de Formador, que poderá ser obtido através de uma formação inicial de formadores. Na área da formação, principalmente nos percursos

formativos de educação e formação de adultos, a procura de sociólogos é frequente para ministrar módulos ligados às temáticas da cidadania, sociedade, cultura, mundo atual, entre outras.

A par destas experiências, surgem as de intervenção social e de consultoria social. Cada vez mais se reconhece o papel do sociólogo na intervenção social, apesar de ainda se deparar com alguns constrangimentos. As instituições sociais cada vez mais procuram “estudar” a sua realidade para poder ter projetos com sentido para a comunidade onde se encontram inseridas. A maior parte das vezes o papel do sociólogo nesta área profissional “limita-se” a desempenhar funções de cariz mais metodológico e operatório (como elaboração de relatórios e diagnósticos, caracterização sociográfica da população e conseqüente tratamento de dados), mas com aplicabilidade prática, isto é, com impacte concreto na vida das pessoas. Funções que igualmente desempenhei, sendo esta a forma de fazer investigação e Sociologia que mais me agrada – utilizar as ferramentas sociológicas para produzir conhecimento com tradução na prática.

No entanto, foi no trabalho direto com os públicos destas instituições que desenvolvi o trabalho mais gratificante. Muito ligado ao balanço de competências e capacitação de públicos vulneráveis, potenciando a sua autonomização e participação ativa no seu percurso, proporcionando apoio, orientação e aconselhamento formativo e profissional. Este era um trabalho direto com os públicos, mas igualmente de capacitação das organizações sociais e de promoção de parcerias com as entidades sociais que os acompanham, permitindo um constante desafio de promoção do trabalho em rede, com todas as potencialidades que este implica, mas também com todos os constrangimentos que ainda persistem. Durante estes percursos, o diálogo complementar com outras áreas do saber é necessário e fundamental, estando o trabalho em equipa cada vez mais presente no desenvolvimento da atividade dos sociólogos. Para além do trabalho que desenvolvi com outros sociólogos, trabalhei igualmente em equipas multidisciplinares constituídas por profissionais de diversas áreas (psicólogos, assistentes sociais e educadores sociais...).

O misto do trabalho com as organizações, a sua capacitação, em conjugação com o trabalho social, com os públicos e sua relação com a sociedade, demonstram que “não somos técnicos de secretária”. Temos matrizes teóricas e práticas que nos permitem desenvolver um trabalho de proximidade, em conjugação com outras áreas profissionais, tendo presente toda a métrica teórica que nos acompanhou na Licenciatura.

Estes percursos profissionais requerem uma pluralidade de competências transversais, desde o planeamento ao trabalho em equipa, da versatilidade à persistência e resiliência, da iniciativa à proatividade e dinamismo, do conhecimento eclético à capacidade analítica, competências que reconheço que a Licenciatura me proporcionou e que se tornaram fundamentais no meu percurso profissional.

Por outras palavras, percebo agora que a licenciatura que fiz em Sociologia, por não se fechar em áreas temáticas específicas, funciona como uma matriz, como um alicerce que vai sendo consolidado e fortalecido com experiências profissionais e com outras apostas formativas (desde formações complementares a formações de atualização de saberes, a especializações), tornando possíveis diferentes construções.

A minha experiência assemelha-se um pouco aos “voos de borboleta” de que fala Joaquim Azevedo, aplicados à intermitência no mercado de trabalho, que se vai regendo por projetos de investigação

bem definidos no tempo, ações formativas circunscritas, e a projetos sociais que vivem de financiamentos públicos e que por isso têm também “fins anunciados”.

Apesar de tudo, a sociologia está sempre presente em tudo o que faço e transmitiu-me a capacidade para compreender as diferentes realidades, analisá-las, criando-lhes valor e desta forma configurando a adaptabilidade aos diferentes contextos e desafios profissionais que sempre me surgiram.

E então: o que faz uma socióloga? Neste momento, “limito-me” a descrever as atividades profissionais em que estou envolvida, e apesar da hibridez de algumas das atividades desempenhadas, sempre que surgir a pergunta “Profissão?”, a resposta será sempre “Socióloga!”.

O que é a sociologia hoje?

Susana Batista

Licenciado em Sociologia

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Profissional na EQS – Serviços de Engenharia, Qualidade e Segurança

E-mail: susanabatista@live.com.pt

Após ter passado alguns anos a responder à questão “O que é a sociologia?”, a participação na conferência “Saídas Profissionais – O que é ser sociólogo hoje?”, organizada pela comissão científica da licenciatura em sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), surge como uma oportunidade para refletir sobre o papel da sociologia apesar do meu ainda curto percurso profissional, bem como para tentar encontrar uma definição de o que é ser sociólogo, distanciando-nos dos conceitos e teorias que tão bem aprendemos ao longo do curso.

Tendo a sociologia surgido na minha vida um pouco por acaso, bastaram alguns dias de aulas para me apaixonar pelas ciências sociais e, em especial, pela sociologia.

Ingresso na licenciatura em sociologia no ano de 2005. No 3.º ano, surge o Processo de Bolonha e a reformulação do ensino superior. Tendo-me proposto a um curso de cinco anos, foi sem qualquer dúvida que optei pelo mestrado em sociologia, considerando que as competências e conhecimentos a serem transmitidas em cinco anos não poderiam ser alcançadas em apenas três. Terminei o mestrado em 2010, com a tese final *A Avaliação do Impacte da Formação da SGS – Formação Pós-Graduada e Avançada para Auditores*.

E porquê a sociologia? A sociologia apresentava-se como um curso polivalente e que me permitia aprofundar o conhecimento em outras áreas de interesse como a gestão de pessoas, política, economia, psicologia... A licenciatura em sociologia foi fundamental na definição da trajetória profissional que pretendia.

É em 2008, no último ano da licenciatura, que se inicia a minha trajetória profissional e o primeiro contacto com a investigação enquanto socióloga, com o estágio extracurricular no departamento de geoepidemiologia, no Instituto de Engenharia Biomédica da Universidade do Porto (INEB). Assumindo funções de estagiária de investigação, fazia a digitação e análise de dados georreferenciados. Colaborei no estudo sobre os impactos socioeconómicos das fraturas do fémur em Portugal e na análise de dados que deu origem ao mapeamento de HIV/SIDA em Portugal.

Apesar de ao longo do curso a frequência de diversas disciplinas exigir trabalhos e projetos aplicados à realidade social, que constituíram o primeiro contacto com uma componente mais pragmática da sociologia, este estágio no INEB, para além de uma primeira perspetiva do mercado de trabalho, permitiu a aplicação prática das técnicas de investigação aprendidas no curso, bem como o domínio de novas técnicas e *software* utilizados na área da investigação em saúde.

Paralelamente, fui colaborando em projetos do departamento de sociologia da FLUP, na qualidade de entrevistadora, bem como no projeto Lidera intitulado *Quotidianos* da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. Apesar de se tratar de colaborações pontuais, sempre fui tentando participar nos projetos que iam surgindo e que me permitiam adquirir experiência e algum *know-how* enquanto socióloga.

Quando no 1.º ano de mestrado foi necessário pensar na tese, a escolha pela área de gestão de pessoas foi imediata. A possibilidade de realizar um estágio de seis meses no departamento de formação de uma empresa multinacional a atuar em Portugal, bem como a oportunidade de colaborar no processo de renovação da Certificação da Entidade pela Direcção-Geral do Emprego e das Relações de Trabalho (DGERT), facilitou a escolha da temática da tese. No final dos seis meses, surge a oportunidade de continuar a trabalhar na entidade como técnica de formação, sendo responsável por tarefas como a divulgação de cursos, a preparação de materiais técnicos e pedagógicos, a avaliação das atividades formativas, a elaboração de certificados de formação e gestão de bases de dados. Este foi o primeiro grande desafio enquanto socióloga e a minha oportunidade de aplicar na realidade de uma organização os conhecimentos e teorias adquiridos ao longo da minha formação académica. Aqui tive a oportunidade de trabalhar com outros sociólogos, com os quais aprendi bastante, pela troca de ideias e reflexão sobre a prática.

Um ano depois, surge a oportunidade de exercer funções de coordenadora de formação numa outra entidade. Assumo, desde então, as mais diversas funções entre a coordenação da atividade formativa, a gestão de clientes, o recrutamento e seleção de formadores, coordenação de ação de formação em parceria com entidades internacionais e a elaboração de planos de formação e de diagnósticos de necessidades de formação.

Quatro anos depois, só posso concluir que a experiência na área da formação profissional que se iniciou num estágio veio a tornar-se na minha grande conquista pessoal e profissional.

Ao longo do meu percurso profissional, vou aplicando os conhecimentos e a “bagagem” que trago da sociologia: como elemento facilitador no relacionamento interpessoal e na gestão dos conflitos; na abordagem aos clientes (não podemos apenas vender uma formação/serviço, temos que saber estudar o cliente e estar a par do mercado), No “universo de engenheiros” onde trabalho, a sociologia possibilita-me chamar a atenção para uma visão diferenciadora do mundo empresarial, tendo em conta os fatores externos que afetam a organização e funcionamento das empresas.

A tese de mestrado e toda a teoria de base foi recuperada nesta minha atual função na elaboração do Processo de Certificação do Departamento de Formação pela DGERT, através da criação de questionários e respetivos relatórios (avaliação da satisfação, avaliação de desempenho de formadores e avaliação de impacto da formação), de balanços anuais de atividade (análise qualitativa e quantitativa) e de diagnóstico de necessidades de formação (elaboração dos questionários e ferramentas de análise).

Com esta breve reflexão, concluo que a sociologia esteve presente em tudo o que fui fazendo no meu curto percurso profissional, quer por me ter permitido a capacidade de adaptação a diversas áreas de conhecimento quer pela interdisciplinaridade que tanto foi trabalhada ao longo dos cinco anos do curso.

A mensagem que me atrevo a deixar é de que nada nos “cai do céu” e que é necessário lutar e trabalhar para conseguir ir construindo um percurso profissional, pelo que é importante estar atento, não desperdiçar as oportunidades que surgem e que a faculdade nos possibilita.

Hoje tenho grandes projetos para a sociologia e para o meu percurso na área da formação profissional e, para isso, todos os dias luto e trabalho arduamente e continuo a investir na minha formação.

Identidade profissional dos sociólogos: a narrativa empresarial em construção

Tiago Barbosa Ribeiro

Licenciado em Sociologia

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Pós-graduado em Gestão

Porto Business School

Profissional no Grupo EFACEC

E-mail: tiagobarbosaribeiro@gmail.com

Não é possível falar da atual prática da sociologia como profissão sem uma análise à evolução da sociologia como ciência, às ambivalências e tensões que daí decorrem, bem como ao tardio mas inexorável processo de institucionalização e complexificação da sociologia em Portugal.

O défice de institucionalização acompanha outros défices do país e é produto da sua história: com o ensino da sociologia proibido durante a ditadura, com o advento da democracia o seu campo perdeu espaço de legitimação na academia, primeiro, e na vida profissional, depois; e se o trabalho de consolidação da sociologia na academia está globalmente concretizado, a vaga de profissionais da sociologia reconhecidos como tal ainda se encontra numa fase embrionária, mesmo com 40 anos volvidos. É um processo com várias dificuldades: em primeiro lugar, de secundarização da sociologia face a outras ciências sociais (como a economia) e a outras esferas do saber (como o direito), cujo enraizamento social não pode ser dissociado da desigualdade institucional histórica entre cada campo; em segundo lugar, das dificuldades geradas na dicotomia ciência-profissão e na necessária diversificação, nem sempre bem aceite pelo *establishment* sociológico, dos papéis profissionais dos seguidores dos fundadores de uma ciência que, desde o século XIX, abordou a “questão social” e arrancou aparentes inevitabilidades do domínio do natural para o domínio do questionável, mas que não se reduz a ele; e, por fim, da incapacidade de empresas e instituições, mas também profissionais da sociologia, responderem à magna questão: “para que quero um sociólogo/o que ofereço como sociólogo?”.

A história recente da sociologia em Portugal, que é ela própria a história da sociologia em Portugal, lança algumas pistas para esta reflexão.

Embora uma primeira geração de cientistas sociais se tenha formado ainda durante a década de 1960 (António Barreto, José Madureira Pinto ou Manuel Villaverde Cabral, entre outros) alguns no exílio e outros sob a figura tutelar de Adérito Sedas Nunes no Gabinete de Investigações Sociais, só

com a instauração da democracia na segunda metade década de 1970 é que a sociologia iniciou um processo de afirmação que tem vindo a demonstrar crescente vitalidade e um alargamento dos papéis profissionais dos sociólogos a vários domínios da vida social.

Com efeito, só após o lançamento do GIS em 1962 é que a sociologia pré-sociológica, se quisermos, começou a desenvolver-se em Portugal. Seda Nunes fê-lo com uma primeira geração de sociólogos formados em áreas contíguas, em regra fora do país, que depois aplicaram os seus conhecimentos na estruturação da ciência em Portugal, agrupando-se em torno de publicações periódicas associadas a cada Escola, começando desde logo pela *Análise Social* (1963). Depois dos pioneiros, os sociólogos formados após 1974 e já em contexto de normalidade democrática foram recursos preciosos para lecionar, amplificar e alargar a influência da sociologia com mais estudos, mais publicações, mais áreas estabilizadas, bem como com centros de investigação e laboratórios mais robustos. Na década de 1990, com os fundos da integração a financiarem cada vez mais preocupações e obrigações científicas (desenvolvimento, pobreza, cultura, ambiente, estruturação, urbanismo, etc.) e com uma política científica tardia na segunda metade da década, não só se alargaram as possibilidades de trabalho científico, com instituições de diversas índoles, autarquias e gabinetes de estudos, quase todos públicos ou associativos e ainda à ilharga do sector privado, como aumentaram as possibilidades de recrutamento dos profissionais da sociologia.

Com o esgotamento dessa fileira de competências, o sector privado tem vindo a abrir-se, ainda que muito timidamente, à entrada de sociólogos que enriquecem as áreas de desenvolvimento organizacional, gestão, recursos humanos, estratégia, comunicação, planeamento, entre muitas possibilidades a identificar, explorar e sobretudo a disputar com áreas disciplinares afins. Porque a progressiva degradação das condições laborais e científicas em Portugal exige o duplo esforço de interrogação e inquietação sobre a evolução da sociologia e o que é expectável aos seus alunos esperarem como profissionais da ciência.

Não é uma evolução fácil, sobretudo porque rapidamente a sociologia é transmutada “numa coisa outra” que perturba os mais puristas. Todavia, neste contexto, ela deve ser objetivamente encarada para sinalizar as possibilidades de alargamento da sociologia profissão, ou de outra forma estaremos a aceitar tacitamente ciclos quase imutáveis de degradação das condições de quem a exerce, o que levará à degradação da ciência em qualquer caso.

Neste enriquecimento do posicionamento dos sociólogos nas organizações, particularmente em áreas onde predominam outras áreas disciplinares das ciências sociais como a psicologia ou a economia, identifica-se um crescente interesse pelos conhecimentos produzidos no âmbito da sociologia das organizações e pela sua aplicação à realidade da gestão empresarial. Esse desenvolvimento faz com que alguns autores defendam já a delimitação epistemológica da sociologia da gestão como um campo específico dos estudos sobre os processos de trabalho (Reed, 1997), em linha com a trajetória da sociologia industrial, da sociologia do trabalho e da sociologia das organizações, muitas vezes com confusão epistemológica entre elas, desde os primeiros estudos sobre a intervenção nas comunidades industriais, as perspetivas marxianas sobre as condições de jugo-emancipação na paisagem industrial urbana, as disfuncionalidades do taylorismo, os trabalhos de Elton Mayo na *Western Electric Company*, os modos de organização da sociedade do trabalho no Pós-Guerra, os estudos de Mallet e Touraine sobre a reconfiguração-regressão dos novos sujeitos históricos no operariado, até à mais recente sociologia da empresa (Sainsaulieu). Mas tudo isto remete para o desenvolvimento dos olhares sociológicos sobre a empresa como espaço de

fenómenos sociais complexos, na perspectiva de estudos científicos, ou então de mobilização de munições teóricas para agir no campo empresarial em função dos seus mecanismos de regulação, otimização e reprodução, e não de profissão dentro dessas organizações, potenciando os seus resultados de gestão.

Ora, o universo de possíveis é hoje incomparavelmente maior no sector privado, sobretudo pelo fechamento das alternativas nas áreas de ensino, investigação e perímetro de políticas públicas, mas paradoxalmente continua largamente por ocupar. Existem atualmente cerca de 30 mil sociólogos em Portugal², formados na sua maioria nos últimos 10-15 anos. A contratação pelas empresas é absolutamente residual e não lhes pode ser atribuída toda a culpa. A sociologia pode e deve fazer mais pelo seu reconhecimento profissional, não se deixando bloquear pela anomia histórica de colocar em confronto, e não em complementaridade, a capacidade de desvelar os fenómenos sociais e as suas poderosas redes de estruturação com uma ação mais funcionalista e parcelar, se quisermos, na afirmação do seu lugar fora da Academia e das instituições públicas, sociais e parassociais.

Para que isso seja possível devemos começar por entender – e veicular sem reservas – que a universidade não é uma escola de formação profissional, seja para a sociologia ou para qualquer outra área do saber. Um diploma superior infere que um aluno adquiriu um conjunto de competências e saberes que o habilitam para uma prática profissional, mas não se reduz a ela; a Universidade abrange muitas outras esferas de aquisição, *hard* e *soft skills*, que devem fortalecer a capacidade de agir, evoluir e problematizar sobre as condições de sucesso do seu próprio percurso.

Por outro lado, sendo desejável, não é lícito considerar que alguém frequenta o curso *x* para ter a profissão *y*. Aliás, em tempos de grande flexibilização funcional (não confundir com precarização laboral), a hiperespecialização funcional é inimiga de um horizonte de possíveis mais alargado. E essa, mais do que uma fraqueza, é uma grande vantagem comparativa da sociologia.

A sociologia tem de ser entendida como uma formação de banda larga, bem em linha com o espírito dos dias, a ser complementada com outras formações mais restritas em função dos interesses de cada um, mas também das possibilidades e oportunidades que se colocam e querem abrir: é uma grande riqueza que temos em mãos.

Logo, as permanentes inquietações sobre o saber-fazer sociológico, em particular no mundo profissional empresarial, não devem ser excessivamente prolongadas. Face a outros papéis profissionais aparentemente (e na *praxis*) mais hegemónicos, as dúvidas são as mesmas: um advogado numa empresa, é jurista? Raras vezes. Um economista, concretamente, é contratado para fazer economia? Não. Um engenheiro que assume funções de gestão, é técnico? Dificilmente. E por aí afora.

É por isso que há um longo percurso de aceitação e visibilidade social que será o legado da geração de Sociólogos que hoje em dia está nas organizações empresariais: já faltou mais para que as empresas contratem, especificamente, sociólogos. Não significa isso que a academia deva restringir o seu campo de ensino e investigação a esse objetivo quantitativo (empregabilidade), mas seria cegueira ignorá-lo. Assim, a principal mutação destes tempos diz respeito à autorreflexividade que se impõe a cada aluno quanto ingressa num curso de sociologia, o que espera tirar dele e as

² Associação Portuguesa de Sociologia, www.aps.pt, em abril de 2014.

ferramentas que lhe são dadas para esse exercício de compreensão, dotação e, já agora, confiança e *empowerment*, sabendo que uma licenciatura assevera uma validação universal.

Foi assim que encetei o meu próprio percurso que pude apresentar aos alunos na conferência sobre construção da identidade profissional dos sociólogos: licenciado em sociologia, testando durante cinco anos várias possibilidades de dar plasticidade à imaginação sociológica que nos foi convocada, desenvolvendo uma tese sobre organização industrial que rasgou a oportunidade de acompanhar a criação de uma equipa para gerir a internacionalização de pessoas de uma grande empresa, complementada com formação pós-graduada específica em áreas-chave para as funções do momento (de um momento, jamais se fechando), que permitiu adquirir experiências e saberes para outras funções, cruzando expectativas e realização, sem esquecer o papel da ciência que é complementar ao que faço e ao que posso vir a fazer.

É na capacidade de aceitar a intersecção destes eixos que teremos uma sociologia como ciência mais robusta e uma sociologia como profissão mais enraizada, diversificada e identitária.

Submetido para avaliação em junho de 2014.

Aprovado para publicação em julho de 2014.

Versão final entregue em julho de 2014.